



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA NOTURNO

JULIANA MONTANHER PEREIRA

DEFASAGEM, APRENDIZAGEM E ENSINAGEM APRESENTADAS
DURANTE E APÓS PANDEMIA

SANTA MARIA - BR

2022

JULIANA MONTANHER PEREIRA

**DEFASAGEM, APRENDIZAGEM E ENSINAGEM APRESENTADAS DURANTE E
APÓS A PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
Pedagogia Licenciatura Plena Noturno
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.
Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª Estela Maris
Giordani.

SANTA MARIA

2022

JULIANA MONTANHER PEREIRA

DEFASAGEM, APRENDIZAGEM E ENSINAGEM APRESENTADAS DURANTE E APÓS A PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Banca Examinadora:

Orientador (a):
Profª Drª Estela Maris Giordani
Centro de Educação
Universidade Federal de Santa Maria

Membro:
Profª Drª Regina Ehlers Bathelt
Universidade Federal de Santa Maria

SANTA MARIA
2022

À minha Luna, que é minha força e minha razão nesse mundo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o apoio e incentivo que sempre deram para que eu nunca desistisse dos meus sonhos, principalmente da graduação. Eles que sempre deram todo o suporte que eu necessitava, gratidão.

A minha família, meu noivo que nunca me deixou cair, quando eu achava que tudo não tinha mais solução ele me reergueu e sempre esteve ao meu lado apoiando todas as minhas decisões com muito zelo e amor. Minha filha que é minha fortaleza, minha inspiração e meu propósito, com um simples olhar ela me faz ter certeza de que posso alcançar tudo o que buscar. Sem vocês dois eu não estaria aqui escrevendo essas singelas palavras. Todo meu amor e gratidão a vocês.

A minha orientadora, por ser incansável, por acreditar em mim e nos meus propósitos. Obrigada por não me deixar abalar com as inseguranças que a escrita traz, obrigada por ser essa educadora que acredita e dá voz aos seus alunos. Gratidão, Profe Estela.

Aos meus amigos, colegas e professores que fizeram parte de cada um desses momentos da vida acadêmica, obrigada por todas as trocas e vivências que compartilhamos juntos. Vocês com certeza deixaram suas marcas positivas no percurso até aqui. Gratidão.

A UFSM por ser morada de bons momentos e pela oportunidade de iniciar e terminar minha jornada acadêmica. Gratidão.

RESUMO

PEREIRA, Juliana Montanher. **Defasagem, aprendizagem e ensinagem apresentadas durante e após a pandemia.** 2022. 38 páginas. Trabalho de conclusão de curso, Graduação em Pedagogia Licenciatura Plena como requisito parcial para a obtenção do grau de Pedagoga, Santa Maria, 2022.

O presente trabalho apresenta uma pesquisa de campo que busca analisar a defasagem, aprendizagem e ensinagem apresentadas durante e após a pandemia. Entendemos que o contexto gerado pela pandemia causou impactos no contexto escolar e, por isso, um olhar mais cuidadoso pode auxiliar a compreender melhor essa realidade a fim de poder contribuir para propor alternativas aos problemas encontrados. A pesquisa teve como objetivo geral analisar as dificuldades de aprendizagem e de ensinagem apresentadas durante a pandemia no ensino remoto a partir da perspectiva de educadores dos anos iniciais. A pesquisa foi realizada a partir dos pressupostos da abordagem qualitativa em educação e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas a sete professoras da rede pública de educação básica dos municípios de Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Agudo. Todas as professoras entrevistadas vivenciaram o momento da pandemia e pós-pandemia, sendo capazes de contribuir com as questões levantadas na pesquisa. A análise dos dados foi realizada a partir de três temáticas que abrangeram o ensino remoto e a pandemia, as dificuldades de aprendizagem e de ensinagem e os aspectos pedagógicos. A importância desta pesquisa está em compreender melhor a complexidade da realidade educacional das relações ensino-aprendizagem a fim de poder encontrar alternativas educacionais que sejam capazes de enfrentar os desafios gerados por este contexto.

Palavras-chave: ensino remoto, defasagens de aprendizagem e de ensinagem, ensino-aprendizagem e pandemia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	9
2.1 ABORDAGEM DE PESQUISA	9
2.2 AMOSTRA OU SUJEITOS DE PESQUISA	9
2.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS	11
3 ENSINO REMOTO E PANDEMIA	13
4 DEFASAGENS DE APRENDIZAGEM E DE ENSINAGEM APRESENTADAS DURANTE A PANDEMIA NO ENSINO REMOTO	17
5 ASPECTOS PEDAGÓGICOS E IMPACTOS DA PANDEMIA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	33

1 INTRODUÇÃO

O ensino remoto desafiou a educação por completo, tanto para a escola, quanto para os docentes e discentes. Foi um processo trabalhoso, que exigiu de todos um desacomodar-se. Contudo, é muito importante compreender como aconteceu no contexto das vivências de educadores, percebido após o período de isolamento. Neste sentido, muitas reflexões podem ser construídas a respeito das vivências ocorridas, e, nesta pesquisa, nos interessa lançar um olhar sobre as repercussões nos processos de aprendizagens das crianças.

Esse trabalho de conclusão de curso faz referência a educação após a pandemia, seu tema principal é defasagem, aprendizagem e ensinagem apresentadas durante e após a pandemia no ensino remoto. Esse tema foi escolhido depois da realização dos meus dois estágios obrigatórios da graduação que ocorreram durante e pós pandemia.

O primeiro estágio na educação infantil aconteceu durante o ensino remoto, o qual mostrou todas dificuldades que esse período trouxe, tanto para os docentes e discentes, quanto para aprendizagem em si, todo o impacto do contexto social e a desigualdade educacional.

Já o segundo estágio aconteceu durante a volta das aulas presenciais, nele finalmente tive contato com as crianças e pude observar suas dificuldades e demandas de perto. O desnível educacional ficou visível, alunos que de fato fizeram as atividades propostas durante a pandemia estavam participando de maneira satisfatória das aulas, cumprindo as atividades propostas. Os que não faziam as atividades, ou que fizeram poucas estavam demonstrando mais dificuldades na realização das tarefas. Alunos de terceiro ano que não estavam alfabetizados e nem resolviam cálculos matemáticos simples.

Depois de ter essas duas vivências resolvi me aprofundar nesse estudo e então fui pesquisar sobre esse contexto com outras docentes. Resolvemos então, fazer uma pesquisa qualitativa coletando os dados por meio de um questionário que foi disponibilizado para sete docentes com perguntas sobre como tinha sido o ensino remoto e a volta das aulas presenciais nas suas concepções.

Quando usamos a palavra “ensinagem” ao invés de ensino fazemos referência ao texto de ANASTASIOU, L, das G.C. (1998). Onde fala que ensinagem

Trata-se de uma ação de ensino da qual resulta a aprendizagem do estudante, superando o simples dizer do conteúdo por parte do professor, pois é sabido que na aula tradicional, que se encerra numa simples exposição de tópicos, somente há garantia da citada exposição, e nada pode-se afirmar acerca da apreensão do conteúdo pelo aluno. Nessa superação da exposição tradicional como única forma de explicitar os conteúdos é que se inserem as estratégias de ensinagem. (ANASTASIOU, 1998.)

Resumindo esse contexto, a ensinagem nada mais é do que a prática social entre aluno e professor que engloba tanto a ação de ensinar quanto de aprender em um processo contratual para a construção do conhecimento escolar, decorrente de ações efetivadas na sala de aula e fora dela.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as dificuldades de aprendizagem e de ensinagem apresentadas durante a pandemia no ensino remoto a partir da perspectiva de educadores dos anos iniciais. Definimos como objetivos específicos: a) identificar as experiências docentes antes da pandemia e o que mudou com o ensino remoto nos anos iniciais; b) entender quais foram as dificuldades de aprendizagem e de ensinagem encontradas durante a pandemia no ensino remoto por professores e alunos; c) refletir a respeito dos aspectos pedagógicos e impactos da pandemia no processo ensino-aprendizagem.

Entendemos que este trabalho em primeiro lugar pode, em nossa formação como profissionais da educação, servir de alerta lançando um olhar crítico sobre as relações ensino-aprendizagem durante este período. Desta forma, nosso estudo, pode também lançar novas perspectivas e olhares a respeito deste tema amplamente vivenciado e debatido. Esperamos ainda que, este trabalho, no diálogo com os docentes, possa servir para compreender e buscar alternativas para uma nova educação, coerente com os preceitos legais.

O texto foi construído de forma de artigo, porém, não seguiu a forma escrita de modelos convencionais. Optamos por realizar um percurso mais próximo a visão dialética-fenomenológica, desta forma, não dividimos o texto

em fundamentação teórica e análise de dados. Assim, estas tornaram-se uma unidade na qual, nos permitiram estabelecer um diálogo mais aproximado entre o que os dados revelaram e o que os autores nos auxiliam a pensar a respeito do tema estudado. Neste sentido, a primeira seção expõe nossa abordagem metodológica, explicitando como desenvolvemos a pesquisa de campo. Em seguida, na seção três, a partir dos dados coletados buscamos identificar as vivências da pandemia na visão dos docentes. Na seção quatro, tratamos de compreender o que os professores perceberam em relação às dificuldades de ensinagem e aprendizagem durante o ensino remoto. Por fim, na seção cinco, refletimos sobre os aspectos pedagógicos e os impactos da pandemia no processo ensino-aprendizagem.

2 METODOLOGIA

2.1 ABORDAGEM DE PESQUISA

Esse trabalho baseia-se em uma pesquisa qualitativa, pois seu principal objetivo é o aprofundamento da compreensão de um determinado grupo social. Para Deslauriers (1991)

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações

Sendo assim, definimos que o método qualitativo através de uma pesquisa social seria a melhor escolha, para nossa coleta de dados. Lembramos que Gil (1999) define pesquisa social como

(...) o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. (p.42).

Mais especificamente, esse trabalho de conclusão de curso baseia-se em uma pesquisa social com enfoque em questionário. Gil (1999) define questionário como:

Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Foram aplicados sete questionários com professoras dos anos iniciais do 1° ao 5° ano, de diferentes municípios do estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de saber sobre suas experiências docentes durante o ensino remoto e a volta do ensino presencial.

2.2 AMOSTRA OU SUJEITOS DE PESQUISA

Os questionários foram aplicados com sete docentes dos anos iniciais que atuaram durante a pandemia do COVID-19 com o ensino remoto e, atualmente, na volta presencial das crianças às escolas. A escolha dos professores seguiu o critério de ter tido experiência durante a pandemia, assim como de sua disponibilidade de colaborar com a pesquisa.

Para cada professora participante da pesquisa atribuiu-se um código como P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7, no quadro a seguir está vinculada a abreviatura do seu nome, escola que trabalha, turma e município.

Quadro 1 - Códigos dos professores pesquisados e caracterização.

CÓDIGO	NOME	ESCOLA, TURMA E MUNICÍPIO
P1	J.M.P.	Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Alberto Pasqualini /Turma: 3° ano/ Júlio de Castilhos.
P2	A.C.M.S.	Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Alberto Pasqualini /Turmas: 3° e 5° ano/Júlio de Castilhos.
P3	S.B.	Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Alberto Pasqualini/Turma: 1° ao 5° ano/Júlio de Castilhos.
P4	M.B.G.C.	Escola Municipal Santos Reis/Turma: 5° ano/Agudo Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Luiz Barchet /Turma: 1° ano/Dona Francisca.
P5	Â.F.L.	Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos

		Dumont/Turma: 1° e 5° ano/Agudo Escola Municipal de Ensino Fundamental 7 de setembro/Turma: 1°ano e Supervisão/Agudo
P6	N. M. M.	Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilina Terra/Turma: 4° ano/Tupanciretã.
P7	M. S. R.	Escola Municipal Cívico Militar Miguel Wairich/Turma 5° ano/ Júlio de Castilhos.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

O quadro 1 demonstra que os professores que participaram da pesquisa são de diferentes municípios e docentes dos anos iniciais do ensino fundamental. A seguir trazemos as mais informações sobre os professores pesquisados:

P1 - Desde o ensino fundamental sempre quis ser professora, mas, sempre pensei que seria prof. de literatura. No ano de 2013 trabalhei como monitora em uma escola privada do município de Júlio de Castilhos e tive meu primeiro contato direto com as crianças e gostei da sensação que senti, gostei do que estava fazendo. Então no final do ano de 2014 fiz o vestibular e na hora de escolher o curso optei por Pedagogia e não me arrependo em nenhum instante da minha escolha. Durante o decorrer do curso trabalhei em escolas privadas do município de Santa Maria e fui comparando a teoria com a prática na sala de aula. Atualmente estou no último semestre da graduação, concluindo os dois estágios obrigatórios, na educação infantil e anos iniciais. Um aconteceu durante a pandemia e outro no retorno das crianças para a escola (pós pandemia).

P2 - “Sou formada em Matemática pelo IFF, tenho magistério e nove anos de docência no estado e cinco anos na educação infantil.”

P3 - “Neste ano no dia 08/08/2022 vou fazer 22 anos de docência no estado.”

P4 - “Sou formada em Pedagogia pela UFSM, tenho Magistério e Pós Graduação em Mídias na Educação”.

P5 - “Sou professora aposentada nesse momento, mas trabalhei 32 anos no município de Agudo, me formei em 1990 e fui nomeada no mesmo ano. No meu último ano como supervisora na escola 7 de setembro iniciou a pandemia.”

P6 - “Formada em Pedagogia em 2021, iniciei as atividades escolares em 2022, pós pandemia, em uma turma de 4° ano, após 35 anos sem atuar em sala de aula, antes tinha magistério.”

P7 - “Sou formada em Pedagogia Licenciatura pela Ulbra, desde 2009, desde 2009 até atualmente trabalhei em Tupanciretã, Júlio de Castilhos e Itaara de forma contratada.”

Portanto, os professores pesquisados possuem vários anos de atuação profissional, de três municípios. Outra característica percebida é que mudaram de escola, porém, estão atuando nas mesmas escolas em que estavam no período da pandemia. Apenas um dos docentes possui licenciatura em matemática e os demais são formados em pedagogia.

2.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para coletar os dados, elaboramos um questionário de doze questões relacionadas ao ensino remoto durante a pandemia COVID-19 e a volta do ensino presencial. O quadro a seguir apresenta as questões realizadas aos professores e as respectivas temáticas que remetem nos próximos capítulos a análise das informações referentes às respostas a estas perguntas.

Quadro - Temas e questões de pesquisa

Temas	Perguntas
Experiências docentes antes da pandemia e o que mudou com o ensino remoto nos anos iniciais	1. Conte-me um pouco sobre a sua formação e sobre a sua experiência como docente/professora. 2. Como a pandemia da COVID-19 afetou as atividades da instituição de ensino em que você trabalha? 3. Você já tinha experiência com ensino remoto anteriormente? 4. Quais foram as adaptações necessárias para passar do ensino presencial para o remoto?
Dificuldades de aprendizagem e de ensinagem apresentadas durante a pandemia no ensino remoto	5. Como foi a reciprocidade dos alunos no início? E a assiduidade? 6. Todos os alunos conseguiram aderir ao ensino à distância? 7. Você alterou a forma de avaliar o desenvolvimento/aquisição de conteúdo, a forma de aplicar provas e trabalhos? O que foi diferente? 8. Quais são os maiores desafios que você percebeu neste sistema?
Aspectos pedagógicos e Impactos da pandemia	9. Você gosta de continuar com as atividades online após o retorno às aulas presenciais (no caso dos alunos que não vem presencial)? Porque? 10. Como você acha que essa experiência coletiva vai impactar o futuro da educação no pós-pandemia? 11. Como foi a reação das crianças com a volta do ensino presencial e quais foram as medidas adotadas para esse retorno? Quais foram as

	consequências da pandemia para o ensino das crianças em tempos de pandemia? 12. Quais medidas foram/serão adotadas para compensar esse tempo em que as crianças ficaram afastadas da escola e tiveram dificuldades na aprendizagem?
--	--

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Estes foram enviados por e-mail para doze professores. Como retornaram apenas dois questionários. Enviamos os mesmos por whatsapp para que os professores fizessem áudios e nos enviassem. Uma vez de posse dos questionários, as questões que foram respondidas por áudio foram transcritas. Assim que se tinham as respostas das perguntas, estas foram organizadas em quadros a fim de construir a sua análise.

3 ENSINO REMOTO E PANDEMIA

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou como pandemia o surto de covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), identificado pela primeira vez em seres humanos em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Os números de mortes no mundo são muito altos 6,37 milhões de vidas perdidas pela doença. No Brasil os números já passaram de 676 mil mortes, causando a maior tragédia sanitária do século.

A transmissão da COVID-19 ocorria de forma tão alarmante e como inicialmente não existia nenhuma vacina ou medicamento que tratasse a doença os governos decidiram optar pela troca do ensino presencial pelo ensino remoto. Essa medida foi tomada com o objetivo de diminuir a transmissão do vírus, os números de infectados e, respectivamente, o número de mortes. A preocupação do governo era manter a quarentena e o isolamento social das áreas não essenciais, era justamente para não haver um colapso no sistema de saúde, com a superlotação de hospitais e leitos de UTI.

A pandemia desafiou as instituições a manter o trabalho pedagógico, embora não houvesse a possibilidade de presença na escola, a saída foi adotar o ensino remoto. Mas, o que seria esse ensino remoto?

Para a professora Patricia Alejandra Behar no seu artigo *Artigo: O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância – Coronavírus*,

o Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas (BEHAR, 2020).

Desta forma, o ERE, embora respeitando o distanciamento, não impediu da escola manter as relações com as crianças e as famílias. Para as docentes entrevistadas a adesão do ensino remoto ocorreu de maneira difícil tanto para os professores quanto para os alunos. O problema trazido foi a dificuldade em aderir o ensino remoto. Pois a maioria das professoras nunca havia trabalhado de forma remota anteriormente. P5 falou que “O mais difícil foi a organização dos professores, porque pouca experiência eles tinham, fosse em algum curso de formação remota ou algo assim, mas, com os alunos não. Você deve chegar e se fazer claro nas atividades e propostas.” (Entrevista com P5). Este

pesquisado revela o pouco preparo com o qual, professores, pais e alunos tiveram que enfrentar essa situação. Assim, com o que a professora revela, podemos refletir também a respeito da forma pela qual os professores se comunicam com as crianças. No contexto da sala de aula, a comunicação é pautada na comunicação verbal, no ensino remoto, esta passou para a modalidade escrita. Esta transformação gerou uma série de ruídos na compreensão do conteúdo da comunicação, seja por parte dos professores quanto das crianças. Portanto, tanto os professores, quanto alunos e familiares, possuíam recursos limitados para fazerem-se compreender reciprocamente.

Na pesquisa desenvolvida com os docentes, as professoras se manifestaram em relação a como foi sentido este momento. P1 lembrou que:

Como as crianças moravam longe da escola e em função da pandemia não tinha mais transporte escolar, muitas crianças buscavam as atividades apenas uma vez por mês e as devolutivas nunca tinham datas para serem entregues e corrigidas de fato. Na turma tinham 3 alunos especiais e nenhum deles recebeu o suporte de Educador Especial (EE) que era necessário para fazer as atividades propostas. Então afetou diretamente todas as crianças, pelo número de atividades que eram apenas duas propostas de atividades por semana. O ensino ficou fraco e os professores não tinham o que fazer para reverter essas condições até a volta do ensino presencial. (P1, 2022).

A professora manifesta a preocupação com a qualidade do ensino uma vez que, a relação com a escola e com as outras crianças favorece a mediação das aprendizagens. A edição 139 da Revista Nova Escola (2001) traz uma síntese das principais ideias de Vygotsky na qual o mediador é entendido como "[...] quem ajuda a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha. Na escola, o professor e os colegas mais experientes são os principais mediadores" (2001). Percebemos assim que, outro eixo fundamental dos processos ensino-aprendizagem no contexto do ensino presencial, é a mediação direta com a pessoa do professor.

Este aspecto nos remete a reflexão acerca das abordagens pedagógicas cuja centralidade está na figura do professor. Percebemos que, não obstante as políticas públicas, os referenciais teóricos explícitos nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e nos discursos dos professores o que se expressam são ideários pedagógicos emancipatórios, dialógicos, democráticos que

buscam o desenvolvimento pleno do aprendiz e, assim por diante. Contudo, do ponto de vista ainda da vivência destes ideários existe uma distância ainda considerável entre o que se deseja e o que se realiza nas práticas escolares. A tão almejada autonomia e protagonismo do aprendiz acaba não conseguindo ser implementado nas práticas pedagógicas. Não se trata de querer encontrar culpados ou de julgamentos, mas compreender que, esta dimensão vivenciada na realidade escolar antes, durante e depois da pandemia reforça o problema das desigualdades da qualidade do ensino. Contudo, o ensino qualificado é um direito de todas as crianças, pois é isso que diz no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988 e Art. 02 da LDB.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Uma vez que a educação é obrigação do Estado e da família, deve ser incentivada em colaboração com a sociedade (Art. 205, da Constituição Federal), deve ser garantido e observado o seu padrão de qualidade por todos que exercerem a educação.

Um dos pilares da educação para o séc. XXI é a aprendizagem colaborativa, onde os alunos deixam de ser apenas ouvintes e passam a ser ouvidos. Esse tipo de aprendizagem faz com que as crianças se sintam úteis, que façam parte do processo de ensino aprendizagem. E esse protagonismo das crianças as faz sentir-sem poderosas e realizadas. Dessa forma a adesão deles com o conteúdo acontece de forma natural e prazerosa (BALARDIM, 2021).

Silva (2011) entende que o papel do professor na relação com as crianças é mediar o processo de construção do conhecimento na relação interindividual com as crianças. Outra temática trazida por P1 foi a questão de acentuação das desigualdades, na entrevista P2 e P4 também trouxeram o mesmo argumento: “Muitos desafios se apresentaram tanto para mim quanto para as famílias, tivemos que de uma hora para outra ‘aprender’ a mexer nas plataformas, ensinar a distância e planejar de forma criativa para chamar atenção dos poucos alunos que participavam das aulas” disse P2.

O que chama atenção no depoimento da professora é que, neste contexto, teve que usar a criatividade, podendo indicar que apesar dos percalços que a situação provocou, houve um movimento de sair da zona de conforto da rotina escolar. Neste sentido, o potencial de transformação das práticas pode ter favorecido os professores repensarem as suas formas de trabalho pedagógico.

Para P4 “Um dos maiores desafios foi a desigualdade entre os alunos, pois, muitos não tinham acesso à *internet* e quando tinham essa era precária, outros ainda não tinham aparelhos eletrônicos para ter acesso aos conteúdos, assim muitos não conseguiam assistir as videoaulas e tirar suas dúvidas.” Então, além de toda a pandemia em si acontecendo, muitos pais sem poder trabalhar, pois trabalhavam de forma informal acabaram ficando sem remuneração. Nesse tempo e se as condições antes da pandemia já não eram favoráveis, durante ela ficaram ainda piores. Os pais tinham que escolher entre atender as demandas da escola ou por o que comer na mesa para seus filhos. Bourdieu (1979 apud DUARTE, 2009, s/p) diz que

os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias, atores sociais constituídos. Os alunos trazem uma bagagem social e cultural diferenciada. O grau de sucesso do aluno não está relacionado aos seus dons pessoais, à constituição biológica ou psicológica particular, mas na sua origem social, que os colocam mais ou menos favoráveis às exigências escolares.

A preocupação com as desigualdades escolares não existe somente em função da pandemia, infelizmente elas acontecem desde o início das escolas e da formação dos grupos sociais. Na pandemia, além das desigualdades sociais intervirem de forma mais incisiva, as desigualdades das condições educacionais também foram vividas. Duarte (2009) ainda argumenta, tendo como suporte a análise de Bourdieu, que “a escola tem o papel de transformar as desigualdades sociais e educacionais, contudo, reforça ainda mais as condições precárias sociais e educacionais de seus educandos”.

4 DEFASAGENS DE APRENDIZAGEM E DE ENSINAGEM APRESENTADAS DURANTE A PANDEMIA NO ENSINO REMOTO

Durante o ensino remoto muitos desafios foram encontrados. Esses desafios acarretaram em muitas dificuldades de aprendizagem e de ensinagem. Para os professores dar aula de forma remota foi uma maneira muito repentina e desafiante. Eles não tinham conhecimentos prévios do que necessitavam para dar as aulas e as escolas também não estavam preparadas para os ensinar como fazer funcionar esse sistema, então o desafio foi grande tanto para a escola quanto para os docentes. P2 e P5 manifestaram-se dizendo: “Muitos desafios se apresentaram tanto para mim quanto para as famílias, tivemos que de uma hora para outra ‘aprender’ a mexer nas plataformas, ensinar a distância e planejar de forma criativa para chamar atenção dos poucos alunos que participavam das aulas”. (P2, 2022.)

Sim, primeiramente nos preparamos para apenas 15 dias de isolamento e depois voltaríamos para a escola, então planejamos esses dias para mandar as atividades para casa. Como eu era supervisora a adaptação foi bem difícil pois tinha 40 professores para dar suporte, logo pensamos em montar grupos de whatsapp das turmas, para contato a distância, então foram criados 50 grupos das turmas onde eu fazia parte. (P5, 2022).

Portanto, o despreparo para trabalhar na forma remota marcou tanto a fala de P2 quanto de P5. As professoras sentiram-se incapazes de início e aos poucos foram aprendendo como usar as plataformas digitais para então conseguir fazer uso das mesmas durante suas aulas.

Quando questionamos as docentes sobre como estava sendo a reciprocidade e a assiduidade dos alunos na adesão ao ensino remoto elas falaram como foi essa questão para o desenvolvimento das aulas. P1 disse que

Não foi nada fácil fazer com que os alunos e as famílias entendessem que o ensino remoto era tão importante quanto o ensino presencial. Durante o ensino remoto ficou muito marcada a questão social e econômica das famílias dessas crianças, quem tinha condições acompanhava as aulas remotas ou tinha como ir até a escola buscar as atividades semanais. Mas, tinham famílias que não tinham nem internet ou aparelhos para comunicação em casa quanto ao menos carro ou outro meio de buscar as atividades na escola. No meu estágio da educação infantil, que ocorreu de forma remota, 4 alunos de 12 não tinham acesso à internet e nem condições de ir até a escola buscar o material, pois, a escola era rural e as casas dos alunos ficavam muito distantes da escola, eles dependiam muito do transporte escolar para ir até a escola, mas, esse parou de passar em função da pandemia COVID-19. (P1, 2022).

P2 também achou importante ressaltar que “Poucas crianças participavam das aulas online, o maior desafio dessa pandemia foi a frequência das crianças. A maioria buscava as atividades semanais na escola e mesmo assim, muitos não buscavam ou não mandavam as devolutivas”. Então essa falta de participação das crianças no início do ensino remoto passou a ser justificada por aqueles que tinham ou não tinham condições de assistir ou receber os conteúdos de forma online. Assim, para os que não conseguiam acesso, a solução foi solicitar que buscassem as atividades nas escolas. De início até funcionou, mas, a maioria das crianças não faziam as atividades no tempo proposto e nem buscavam as novas atividades nas datas previstas. É possível afirmar que não havia controle de tempo para a resolução dessas atividades nesse período.

Quando questionadas sobre como foi feita a avaliação das crianças e como foram desenvolvidas as provas e trabalhos nesse período, os docentes, de forma geral, falaram quanto foi difícil avaliar as crianças durante o ensino remoto, pois, não sabiam quem realmente realizava as atividades propostas. P5 afirmou

Os Professores avaliavam as crianças conforme mandavam as atividades propostas, essas atividades podiam ser em forma de vídeo, descritas como foram feitas nos grupos de whatsapp, através de fotos ou chamadas de vídeo. No final do ano letivo foi feita apenas uma avaliação e todos os alunos foram aprovados, isso causou certo desconforto para os professores, pois, eles sabiam quais crianças de fato faziam as atividades e os que nunca faziam foram aprovados do mesmo jeito. Então isso ficou marcado durante a pandemia, independente do resultado satisfatório ou não todas as crianças foram aprovadas. (P5, 2022).

Outra questão importante a considerar sobre as defasagens de aprendizagem foram os casos dos alunos que não realizaram as atividades propostas, não tiveram esse convívio com o ensino remoto e as aulas online. Assim, ficaram afastados do conteúdo e das aprendizagens. Também é importante ressaltar sobre quanto o processo avaliativo atrapalhou na sequência do desenvolvimento das atividades, pois, quando as famílias e os discentes descobriram que ninguém reprovaria em decorrência da pandemia

perderam o interesse nas aulas remotas e na entrega das atividades que os professores solicitaram.

Portanto, o ensino remoto, da forma a qual vivenciada, agravou as diferenças entre os aprendizes. Os desníveis entre as capacidades de aprender e o que efetivamente aprenderam, podem ter ocorrido pois algumas crianças tiveram dificuldades em realizar suas aprendizagens no formato proposto. Desta forma, surgiram as defasagens entre as aprendizagens requeridas e as efetivamente adquiridas se tornaram maiores. Porém, outra situação a ser considerada é que, embora algumas crianças tenham acompanhado e realizado as atividades, as construções das aprendizagens podem não ter acontecido da maneira esperada pelos professores. E, essa realidade tornou-se muito mais presente no pós-pandemia.

A forma de avaliação usada pelas escolas ainda é considerada hierárquica, pois ela não serve para construir o principal objetivo que é avaliar e através desse resultado mudar as práticas pedagógicas para buscar novos caminhos de aprendizado para as crianças. Pelo contrário, eles se sentem pressionados e taxados pelas notas que recebem por essas avaliações. Para a autora Magna Lúcia Furlanetto Gaspar “A discussão sobre a avaliação escolar está diretamente vinculada ao processo de ensino e aprendizagem, ou seja, à prática pedagógica do professor. Porém, muitos educadores percebem o processo em questão de modo dicotomizado: o professor ensina e o aluno aprende.” Assim o aluno é obrigado a ter que aprender para conseguir notas e durante a pandemia, notas e presenças não foram cobradas. Automaticamente, as crianças e as famílias perderam o interesse na realização das propostas. Assim os desníveis entre os estudantes aumentaram ainda mais. Para Débora Laise Barroso de Araújo

Segundo os PCNs (1997, p. 81) é importante romper com a concepção tradicional de avaliação, o ato de avaliar não se restringe ao fracasso ou sucesso, classificação ou reprovação, mas norteia a intervenção pedagógica, com objetivo de interpretar os conhecimentos desenvolvidos e aprendidos pelos alunos. Visto que, deverá contribuir redirecionando as didáticas entrelaçando-se com os conhecimentos prévios dos discentes, desafiando e envolvendo-os no processo educativo. Em suma, avaliar não deve segregar quantificar, mas intervir oferecendo novas condições para o alcance dos objetivos, possibilitando as aprendizagens no movimento de trocas de conhecimentos. (ARAUJO, página 3, s/d)

Então o sentido de avaliar uma criança durante a pandemia sem esse controle de faltas e essa incerteza se foi realmente a criança ou o familiar que resolveu as atividades propostas dificultou o método avaliativo no qual os docentes estavam acostumados. Eles não tinham controle do que realmente estavam avaliando. Depois da volta do ensino presencial a avaliação teve que mudar seu sentido para os professores, pois, eles tiveram que observar os alunos de forma singular, tendo em vista os aprendizados que trouxeram consigo, quem realmente fez as atividades propostas estava se sobressaindo e quem não havia feito estava apresentando dificuldades.

Assim, como para P5, P7 também deixa sua opinião sobre as avaliações: "Com certeza, os alunos foram avaliados conforme a entrega das atividades remotas, mesmo as vezes sabendo que não eram eles que de fato faziam as atividades e sim os responsáveis." (P7, 2022). Nessas duas falas podemos observar a preocupação de ambas as docentes com o modo avaliativo que tiveram que exercer com as crianças durante o ensino remoto. Também manifestam o descontentamento com a aprovação de todos os alunos no final do ano letivo, inclusive dos que não desenvolveram as atividades propostas. Elas acharam esse método injusto com as crianças que faziam e participavam, mas, nesse caso, acredito que realmente não teria como avaliar as crianças de formas iguais. Pois, a questão social das crianças marcou a desigualdade escolar na pandemia.

Quando questionadas sobre os maiores desafios percebidos no sistema do ensino remoto, prontamente os docentes relataram que foi a falta de conhecimento com esse novo tipo de ensino, a adesão das crianças e o modo de avaliar. Para P5 foi " Fazer com que os alunos e famílias entendessem que o ensino remoto também era uma forma de aprendizagem, fazendo com que as famílias cobrassem das crianças que elas fizessem e entregassem as atividades propostas". O ano de 2020 ficou marcado negativamente para as professoras em relação a educação a distância e a falta de controle sobre o conhecimento que cada criança estava adquirindo nesse período.

Quando paramos para pensar em todo o caos que foi o ensino remoto nos cabe também fazer o seguinte questionamento: Como ocorreu a aprendizagem para as crianças nesse período? Houve de fato aprendizagem?

Como vai ser a volta ao ensino presencial com tanta defasagem de aprendizagem?

Segundo Zurawski et al. (2020, p.89) “[...] não há dúvida de que a formação humana de crianças e jovens está relacionada ao cotidiano da escola, à sala de aula e ao fazer pedagógico docente. Nesse processo, antes de tudo, o que importa é a vida das pessoas.” Assim, antes de mais nada mesmo preocupados com o futuro da educação e com as marcas de defasagens que a pandemia do COVID-19 deixou, nos cabe pensar em primeiro lugar na preservação das vidas, pois, infelizmente essa catástrofe abalou todas as áreas de alguma maneira e não só a escola e as crianças. Daqui para frente é focar em como recuperar o ano de 2020 e 2021 para que esse ensino não seja tão prejudicado no futuro.

5 ASPECTOS PEDAGÓGICOS E IMPACTOS DA PANDEMIA

Depois do período conturbado que foi a pandemia do COVID-19 no ano de 2021, foi confirmada a volta das aulas presenciais seguindo todos os protocolos de saúde estabelecidos pela OMS, como: a adesão do uso de máscaras, o distanciamento social, o uso de álcool gel nas entradas da sala de aula, etc.

Essa volta da rotina escolar se fez cheia de medos e incertezas, para as crianças dos anos iniciais principalmente, para as crianças que estavam no terceiro ano elas iniciaram na escola no primeiro ano e veio a pandemia, de repente elas se encontram no terceiro ano do ensino fundamental, porém com muitas dúvidas e sem de fato ter conhecimentos de escola. Ficou claro o medo das crianças em contrair o vírus da COVID-19, elas tinham medo de qualquer tipo de contato com outras pessoas, não sabiam como agir dentro da sala de aula e como se portar. Pois, não ficaram tempo suficiente na escola para aprender suas regras e rotina. Assim como os alunos do primeiro e segundo ano, que nunca nem tinham tido contato com a escola de forma presencial, então para eles tudo foi novidade.

Quando questionamos as docentes sobre como foi a volta do ensino presencial e quais medidas foram adotadas para o mesmo acontecer elas relataram como foi essa experiência, P1 disse

Não foi uma tarefa fácil para as crianças voltarem para a escola depois de tanto tempo em casa. Crianças do primeiro ao terceiro ano nem sabiam como funcionava esse convívio escolar, pelo tanto de tempo que ficaram em casa. Tiveram que ser “ensinados” princípios simples, como por exemplo portar-se em sala de aula, se manter sentado na cadeira, falar na sua vez, fazer fila.. Princípios comuns da vivência na escola. Isso sem falar dos métodos adotados em função da COVID-19: todas as crianças de máscara na sala de aula, álcool em gel nas mãos na entrada da sala, distanciamento de 1,5 metros. (P1, 2022.)

Assim, ficou aquela questão de como conseguir recuperar o tempo perdido, o desnível escolar ficou visível, a única estratégia correta talvez, parecia ser, anular o ano de distanciamento e iniciar tudo desde o início, desde os preceitos básicos da escola quanto em relação aos conteúdos. P4 também mencionou um fato importante que aconteceu e ainda acontece com essa volta pós pandemia

Até hoje temos um grande índice de infrequência escolar, crianças que vêm a aula quando querem, as famílias colocam muitos

empecilhos para mandar as crianças e quando isso acontece percebemos que essas crianças vão ficando ainda mais distantes da aprendizagem. Quando o aluno está começando a entender o conteúdo falta dois, três dias ou mais e se perde novamente. (P4, 2022.).

Notamos que a insegurança não foi somente das crianças, mas, também das famílias. O alto índice de infrequência nos mostrou isso. O uso de atestados médicos ficou ainda mais comum depois da pandemia e isso também se explica pela imunidade dessas crianças que ficaram tanto tempo afastadas do convívio social e assim ficaram mais suscetíveis aos vírus e bactérias. Essa evasão escolar se faz ainda muito presente na realidade das escolas, assim, sempre quebrando o ciclo de aprendizagem das crianças.

Ainda quando pensamos em quais foram as consequências da pandemia para o ensino das crianças analisamos mais uma vez os relatos das docentes, P1 e P6 relataram que

Praticamente todo mundo mais de um ano em isolamento dentro de casa causou um impacto social muito grande, a falta de convivência com outras pessoas fez com que as crianças desaperdessem como agir com regras, como se comportar em sala de aula e na escola. Sem falar na aprendizagem em si, muita dificuldade para desenvolver trabalhos em grupo, muita falta de conteúdo em si, já que na pandemia os conteúdos foram reduzidos. E do 1° ao 3° ano o maior problema, com certeza será a alfabetização. Pois, essa precisa de um acompanhamento mais intensivo. Aí fica a dúvida, será que as famílias conseguiram dar esse suporte como as professoras dariam no ensino presencial? Será que as crianças conseguiram aprender a ler e escrever de forma satisfatória durante o ensino remoto? (P1, 2022.).

As consequências são reais: crianças com grau de ansiedade, estresse, apresentam muita dificuldade na coordenação motora e fina, vários déficits de atenção, por exemplo, muito agitados. Alunos de 4° e 5° ano que não leem palavras com duas sílabas e nem formulam frases. Não realizam cálculos matemáticos sem o acompanhamento do professor. É preciso retomar as atividades de alfabetização, pois se o aluno não lê, não consegue interpretar o que se pede, assim não alcança os objetivos propostos em sala de aula. (P6, 2022).

Ao analisarmos as duas falas vemos o nível de preocupação das professoras com a dificuldade de socialização das crianças, a falta de uma rotina escolar e acima de tudo os problemas de aprendizagem. Mas, o que são esses problemas de aprendizagem? Transtornos, dificuldades ou problemas de aprendizagem são desordens que dificultam o ritmo de aprendizado de uma pessoa. Para Smith (2001)

O que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm em comum é o baixo desempenho inesperado. Na maior parte do tempo, elas funcionam de um modo consistente com o que seria esperado de sua capacidade intelectual e de sua bagagem familiar e educacional, mas dê-lhes certos tipos de tarefas e seus cérebros parecem “congelar”. (SMITH, 2001, p.15.)

Analisando essa definição de dificuldade de aprendizagem e juntando com o contexto de educação que as crianças tiveram durante a pandemia fica justificado tal comportamento e tais defasagens que as crianças tiveram durante o ensino remoto. Elas não tiveram suporte suficiente para aprender o conteúdo sozinhas, muitas vezes nem os próprios pais sabiam o conteúdo para auxiliá-las. Fica claro a importância do papel do professor como mediador de conteúdos para que ocorra o ensino-aprendizagem de maneira satisfatória e igualitária com todas as crianças.

No ensino remoto, com a ausência da pessoa do professor, causou dificuldades nas aprendizagens, visto que, estas, requerem a construção da autonomia dos aprendizes em construir as próprias aprendizagens de forma a tornarem-se protagonistas. No modelo pedagógico adotado na cultura escolar, ainda muito pautada na centralidade da figura do professor, dificultou esse processo de transição. De modo que, aqueles aprendizes que possuíam um grau mais avançado de autonomia em relação às próprias aprendizagens conseguiram acompanhar melhor comparando com os demais estudantes que, por situações diversas,¹ agravaram a insuficiente autonomia dos aprendizes em relação à demanda das formas com as quais o ensino remoto foi proposto.

Não em aulas remotas ou encontros online que nem todas as crianças tinham acesso, se as condições não são iguais, não podemos avaliar a todos da mesma forma. A professora-doutora Eveline Tonelotto Barbosa Pott (2018) fala em seu artigo que

Ao pensar na dificuldade de aprendizagem, é importante analisar o contexto no qual este processo ocorre, levando em consideração o ambiente escolar, a relação familiar, o conceito aprendido e o aluno. Neste sentido, ressalto a importância da análise contextualizada da dificuldade de aprendizagem, uma vez que na maioria das vezes ela remete a uma dificuldade em relação aos processos de ensino-aprendizado e como eles ocorrem na escola. (POTT, 2018, p. 358).

¹ características pessoais, vulnerabilidade social, ritmos diferentes de aprendizagem etc.

Portanto, essas dificuldades apresentadas pelas crianças no pós pandemia podem e devem ser justificadas pelo período em que as mesmas passaram distantes da escola e das aulas presenciais nos anos de 2020 e 2021. Sem o professor ali para sanar suas dúvidas, sem ter condições de assistir as aulas de forma igualitária, com essa insegurança de contrair o vírus da COVID-19. Todos esses fatores fizeram com que o ensino-aprendizagem fosse tão prejudicado.

Quando questionadas se com a volta do ensino presencial as docentes ainda usariam o ensino remoto para alguma eventualidade ou se pretendiam ter essa ferramenta disponível para aulas diferentes com as suas turmas a maioria relatou que não pretendia, P6 disse: “Não pretendo usar as atividades online, devido a falta de equipamentos adequados para os alunos executarem ou assistirem às aulas. O uso das tecnologias serão usados para apresentação de conteúdos, conhecimentos e pesquisa, durante o período de aula.”. Podemos ver que o ensino remoto não é e nunca foi querido pelas docentes, que mesmo depois de todo o período da pandemia em que ele era a única opção que as docentes tiveram de dar aulas e ter contato com seus alunos, elas ainda se fazem resistentes quanto ao seu uso.

Para a escola que P2 trabalha o uso das plataformas digitais ainda estão servindo, ela relatou dizendo que: “Na nossa escola a plataforma digital é usada apenas para alunos que possuem atestados de longo prazo. Para os que se ausentam por poucos dias com atestado, passamos as atividades impressas.” Assim, podemos analisar que o uso de tecnologias de informação tornou-se uma nova ferramenta para essa escola, facilitando nesse caso a distribuição das atividades e planos de aula para alunos afastados por razões particulares a longo prazo. Esse exemplo fica para as outras escolas e docentes.

Finalizando o questionário, perguntei aos docentes sobre quais medidas as escolas estavam adotando para compensar o tempo que as crianças ficaram afastadas da escola e como estavam tentando recuperar as dificuldades de aprendizado que esse período causou. Para P5 e P6 a melhor solução a ser traçada deveria ser

Crianças com defasagens de aprendizagem em função da pandemia devem ser recuperadas de forma completa, ver o problema, aceitar o problema. Acredito que aulas de reforço deveriam ser propostas nas escolas, e nesse

reforço buscar atingir todo esse conhecimento que faltou para essas crianças, desde o letramento. O processo será lento, pois é muito tempo para recuperar. Os professores devem ter conhecimento do que cada aluno necessita e esses alunos precisam tirar dúvidas e de fato aprender os conteúdos. (P5, 2022.).

Eu acredito que deve ser um trabalho em equipes das escolas, observando a realidade de cada um, identificando as dificuldades mais expressivas e traçar metas e métodos de ensino para ajudar a resolver as situações. As aulas devem ser bem preparadas para que o aluno se interesse em aprender, muitas dinâmicas, muita ludicidade, reforço escolar para a alfabetização em turno inverso, preparação dos professores com cursos e formação continuadas e o apoio de toda a equipe das secretarias de educação em estudos e materiais didáticos. Os professores precisam de suportes para que possam atender a demanda da educação pós pandemia. (P6, 2022).

Analisando as duas falas é possível ver que os docentes acreditam que é cabível recuperar essas dificuldades apresentadas pelas crianças. Elas ainda apostam em aulas de reforço, na retomada de conteúdos que foram dados durante a pandemia e no olhar do professor sobre cada um dos seus alunos fazendo uma análise do que precisa ser melhorado.

Nos incisos III e IV do artigo 13 da LDB declara que os docentes devem incumbir-se de: “III - zelar pela aprendizagem dos alunos; IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento”. Então, se pararmos para pensar, o dever de estabelecer essas estratégias para recuperar os alunos de menor rendimento é dos professores. São os docentes que devem ter essa visão, e assim, solicitar outras formas de ajuda para a escola. Considerando o isolamento social, o ensino remoto e o tempo que as crianças ficaram longe da escola, os professores não tiveram como ter essa visão de cada aluno para ajudá-los em suas especificidades, pois,

A recomposição de aprendizagem é como um grande guarda-chuva, que envolve olhar para múltiplos aspectos”, explica Sonia Guaraldo, consultora pedagógica e especialista em formação continuada no Instituto Gesto. “Havia uma lógica na Educação até 2019, e a pandemia mudou tudo. Agora, é preciso justamente reordenar, mas não basta só ‘voltar ao que era antes’, é preciso voltar melhorando, prestando atenção às coisas que devemos olhar. É por isso que falamos em ‘recomposição’. (SANTOS, 2022, s/p).

Essa recomposição de aprendizagem surgiu como uma nova ferramenta para a recuperação do que ficou para trás no ensino remoto. Ela busca um novo tipo de ensino, não simplesmente voltar onde tinha parado, mas, mudar as perspectivas de currículo e avaliações. “É preciso olhar para tudo:

habilidades não consolidadas e o que foi ou não oferecido no período pandêmico. Analisar o que não foi consolidado e, depois de tudo isso, construir estratégias para recompor as aprendizagens, traçando grandes diretrizes” (GUARALDO, 2022 apud SANTOS, 2022). Essa seria a estratégia ideal que todas as escolas públicas deveriam adotar para um melhor rendimento e desenvolvimento futuro dos seus alunos. Portanto, não apenas focar no problema que a pandemia causou, mas, olhar possibilidades e tirar pontos positivos disso tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da pandemia ter sido tema de amplos debates, sentimos a necessidade de discutir esta questão em nossa pesquisa. Considerando a nossa experiência nos estágios na educação infantil e nos anos iniciais, percebemos que precisamos lançar um olhar mais cuidadoso sobre todo esse processo. Foi assim que decidimos estudar as defasagens de ensinagem e aprendizagem percebidas por professores, apresentadas durante e após a pandemia e os seus impactos atuais.

Para desenvolver o estudo, fizemos uso de uma pesquisa qualitativa. Essa pesquisa social, aconteceu em forma de questionário e a enviamos para sete docentes que trabalharam durante o ensino remoto e na volta das aulas presenciais. Nesse contexto decidimos que essa seria a melhor opção para a coleta de dados.

Em relação ao primeiro objetivo, que foi identificar as experiências docentes antes da pandemia e o que mudou com o ensino remoto nos anos iniciais, com os dados coletados, foi possível perceber que esse método de ensino a distância se fez de forma trabalhosa para os docentes e discentes. As mudanças repentinas dificultaram a adaptação do método de ensino que os educadores e as escolas estavam acostumados. Pois, exigiu dos envolvidos uma nova postura e estratégias para realizar a tarefa de ensino-aprendizagem, ultrapassando a visão da forma de transmissão de conhecimentos, os quais os docentes, discentes e familiares estavam habituados. A infrequência das crianças foi um problema, muitos não tinham condições sociais e econômicas de assistir às aulas e assim acabaram causando um desnível de aprendizagem entre as crianças. Os docentes perderam o controle que tinham dentro da sala de aula durante o ensino remoto, não sabiam quem de fato realizava as atividades propostas, se eram realmente as crianças ou seus responsáveis.

Em relação entender quais foram as defasagens de aprendizagem e de ensinagem encontradas durante e após a pandemia no ensino remoto por professores e alunos podemos afirmar que esse ensino impactou de diversas maneiras o processo ensino-aprendizagem das crianças. Este, não ocorreu de maneira igualitária para todas as crianças. As crianças que tinham condições sociais para ter acesso às aulas *online* ou buscar os materiais na escola, se

mostraram mais capazes de fazer as atividades propostas na volta do ensino presencial. Já aquelas crianças que não tiveram as mesmas condições apresentaram dificuldades de aprendizado, pois não tiveram acesso aos conteúdos e aulas da mesma maneira. Assim, ficou claro o desnível de aprendizagens na volta do ensino presencial, sendo remetido a alternativas tais como a recomposição das aprendizagens. A pandemia marcou claramente a desigualdade social, alunos com condições financeiras conseguiam ter acesso às aulas e seus responsáveis conseguiam dar suporte, para tirar algumas dúvidas das crianças em relação aos conteúdos. Porém, as crianças que tinham baixas condições financeiras não tinham esse acesso aos materiais de aula e quando tinham os responsáveis em alguns casos não podiam dar tanto suporte na resolução das atividades, por não terem tempo ou conhecimento suficiente. A falta de estímulo das famílias para que as crianças realizassem as atividades causou um acomodamento das mesmas, inclusive esse acomodamento é realidade atualmente ainda na sala de aula.

Elaborando a análise do último objetivo específico que foi refletir a respeito dos aspectos pedagógicos e impactos da pandemia no processo ensino-aprendizagem, podemos dizer que esses impactos foram desde as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças, quanto a dificuldade de socialização das mesmas. Isso porque, o isolamento social não permitia o convívio com outras pessoas, o que gerou muitos sentimentos de medos e incertezas no retorno às aulas presenciais. As crianças não estavam mais habituadas com esse meio, com a rotina escolar e com a convivência entre seus pares. Outro impacto importante a ser considerado foram as avaliações, os docentes durante a pandemia não conseguiam ter noção de como avaliar as crianças, pois, não sabiam se eram elas que realmente faziam as atividades. Como não houve reprovação durante os anos de pandemia, as crianças e as famílias se acomodaram com os envios das atividades e isso causou um desconforto nos professores. Pois, quem fez as atividades e quem não fez foram aprovados da mesma forma. Na volta do ensino presencial foi possível ter a noção de quem de fato realizava as atividades em casa e quem não, pois, as crianças estavam em diferentes níveis de aprendizado.

Assim refletindo a respeito do nosso objetivo geral que foi, analisar as dificuldades de aprendizagem e de ensinagem apresentadas durante e pós

pandemia, entendemos que conseguimos construir reflexões que nos permitiram identificar com maior propriedade a complexidade dos impactos. Percebemos que foi fundamental o processo da pesquisa e coleta de dados na qual coletamos as percepções de docentes. A partir dos relatos e dos diálogos estabelecidos com as referências teóricas podemos identificar e fazer uma análise mais próxima desse processo. Isso fez com que pudéssemos entender melhor quais foram de fato os impactos da pandemia do COVID-19 para a educação e o ensino-aprendizagem das escolas. Com isso, estaremos muito mais conscientes em relação ao nosso papel como educadores e também, mais preparados para enfrentar os desafios deste novo contexto.

Através dessa pesquisa pudemos ver a realidade dos problemas enfrentados durante a pandemia, buscando análise desses impactos para então traçar novas estratégias como educadoras para tentar assim reverter os mesmos. A nossa pesquisa nos indica que temos que encontrar pontos positivos e tratá-los a partir de um novo olhar de educação para os anos iniciais, com um novo currículo, novos métodos avaliativos e um novo enfoque nos alunos de forma singular. Desta forma, os desafios educacionais apontam para a ruptura das formas educacionais que fomos formados e nos instigam a, continuamente, buscar alternativas pedagógicas mais adequadas para este contexto.

REFERÊNCIAS

SILVA, Vitor de Almeida. **Aprendizagem colaborativa como método de apropriação do conhecimento químico em sala de aula**. Dissertação. Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Educação, em Ciências e Matemática PRPPG, 2011. Acesso em 20 de jul de 2022. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/556/1/Dissertacap%20Vitor%20de%20Almeida%20Silva.pdf>

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. **Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1263-1267. Acesso em 20 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/PsyyZM3qmWPBQcBMm5zjGQh/?lang=pt&format=pdf>

www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/. Acessado em 22 Julho 2022.

DANIELS, Harry. **Vygotsky e a pedagogia**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

CHERUBINI, Karina Gomes. **“Educação: Garantia Do Padrão de Qualidade - Jus.com.br | Jus Navigandi.”** Jus.com.br, Jus Navigandi, 2012, jus.com.br/artigos/21697/a-garantia-do-padrao-de-qualidade-da-educacao-em-todos-os-niveis-de-ensino. Acessado em 26 julho de 2022.

DUARTE, Leonardo. **“Bourdieu E Bernstein: As Desigualdades Escolares - Extra Classe.”** Extra Classe, 12 Oct. 2009, www.extraclasse.org.br/opiniaio/2009/10/bourdieu-e-bernstein-as-desigualdades-escolares/. Accessed 26 July 2022.

BALARDIM, Graziela. **“Aprendizagem Colaborativa: O Que é E Como a Tecnologia Pode Contribuir.”** ClipEscola, 21 June 2021, www.clipescola.com/aprendizagem-colaborativa/. Acessado dia 28 de julho de 2022.

BEHAR, Patricia Alejandra. Artigo: **“O Ensino Remoto Emergencial E a Educação a Distância – Coronavírus.”** Ufrgs.br, 6 de julho de 2020, disponível em: www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/. Acessado dia 28 de julho de 2022.

GIL, Antônio Carlos. Livro: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2008, p. 109.

DESLAURIERS, Jean Pierre. Livro: **Pesquisa qualitativa - Guia prático**. Montreal - McGraw-Hill. Ano 1991, p. 58.

ZURAWSKI, Rafaela Luana., Boer, Noemi., e Scheid, Neusa Maria. John. (2020). **O professor e os novos contextos de ensino: uma abordagem teórico-metodológica em tempos de pandemia**. *Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas*. Acesso em agosto de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37780/ch.v21i2.3446>

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1991.

SANTOS, Victor: **“O Que é Recomposição de Aprendizagens E Como Ela Acontece No Dia a Dia Das Escolas Públicas.”** Novaescola.org.br, 2022. Disponível em: novaescola.org.br/conteudo/20976/o-que-e-recomposicao-de-aprendizagens-e-como-ela-acontece-no-dia-a-dia-das-escolas-publicas. Acesso dia 05/08/2022.

ARAÚJO, Débora Laise Barroso de. **A avaliação utilizada como um instrumento de poder**. Página 3. s/d. Acesso disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10183/7/13.pdf> data de acesso: 06/08/2022.

GASPAR, Magna Lúcia Furlanetto. Artigo. **O processo de avaliação da aprendizagem escolar na prática pedagógica**. Página 2. s/d. Acesso disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1770-6.pdf> data de acesso: 06/08/2022.

ANASTASIOU, L.G.C. **Estratégias de Ensino**. In: ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. **Processos de ensino na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Capítulo 1, página 20. Joinville: UNIVILLE, 2007.

APÊNDICES

REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS PANDEMIA

Nome:

Escola:

Turma:

Questionário para a coleta de dados do TCC da acadêmica Juliana Montanher Pereira.

Você professor(a) dos anos iniciais, conte um pouco sobre a educação durante a pandemia e pós pandemia (a entrevista pode ser escrita, ou em forma de áudio):

1. Conte-me um pouco sobre a sua formação e sobre a sua experiência como docente/professora.
2. Como a pandemia da COVID-19 afetou as atividades da instituição de ensino em que você trabalha?
3. Você já tinha experiência com ensino remoto anteriormente?
4. Quais foram as adaptações necessárias para passar do ensino presencial para o remoto?
5. Como foi a reciprocidade dos alunos no início? E a assiduidade? Todos os alunos conseguiram aderir ao ensino à distância?
6. Você alterou a forma de avaliar o desenvolvimento/aquisição de conteúdo, a forma de aplicar provas e trabalhos?
7. Quais você acredita que são os maiores desafios neste sistema?
8. Você pretende continuar com alguma atividade online após o retorno às aulas presenciais?
9. Como você acha que essa experiência coletiva vai impactar o futuro da educação no pós-pandemia?
10. Como foi a reação das crianças com a volta do ensino presencial e quais foram as medidas adotadas para esse retorno?
11. Quais foram as consequências da pandemia para o ensino das crianças em tempos de pandemia?
12. Quais medidas serão adotadas para compensar esse tempo em que as crianças ficaram afastadas da escola e tiveram dificuldades na aprendizagem?

Respostas:

1. Conte-me um pouco sobre a sua formação e sobre a sua experiência como docente/professora.

P1 - Desde o ensino fundamental sempre quis ser professora, mas, sempre pensei que seria prof. de literatura. No ano de 2013 trabalhei como monitora em uma escola privada do município de Júlio de Castilhos e tive meu primeiro contato direto com as crianças e gostei da sensação que senti, gostei do que estava fazendo. Então no final do ano de 2014 fiz o vestibular e na hora de escolher o curso optei por Pedagogia e não me arrependo em nenhum instante da minha escolha. Durante o decorrer do curso trabalhei em escolas privadas do município de Santa Maria e fui comparando a teoria com a prática na sala de aula. Atualmente estou no último semestre da graduação, concluindo os dois estágios obrigatórios, na educação infantil e anos iniciais. Um aconteceu durante a pandemia e outro no retorno das crianças para a escola (pós pandemia).

P2 - “Sou formada em Matemática pelo IFF, tenho magistério e nove anos de docência no estado e cinco anos na educação infantil.”

P3 - “Neste ano no dia 08/08/2022 vou fazer 22 anos de docência no estado.”

P4 - “Sou formada em Pedagogia pela UFSM, tenho Magistério e Pós Graduação em Mídias na Educação”.

P5 - “Sou professora aposentada nesse momento, mas trabalhei 32 anos no município de Agudo, me formei em 1990 e fui nomeada no mesmo ano. No meu último ano como supervisora na escola 7 de setembro iniciou a pandemia.”

P6 - “Formada em Pedagogia em 2021, iniciei as atividades escolares em 2022, pós pandemia, em uma turma de 4º ano, após 35 anos sem atuar em sala de aula, antes tinha magistério.”

P7 - “Sou formada em Pedagogia Licenciatura pela Ulbra, desde 2009, desde 2009 até atualmente trabalhei em Tupanciretã, Júlio de Castilhos e Itaara de forma contratada.”

2. Como a pandemia da COVID-19 afetou as atividades da instituição de ensino em que você trabalha?

P1 - Fiz meu estágio da educação infantil em uma escola rural municipal do município de Santa Maria e nessa escola a COVID-19 afetou completamente as atividades, o ensino passou a ser remoto online para quem tinha acesso a internet e atividades para buscar na escola para quem não tinha acesso. Como as crianças moravam longe da escola e em função da pandemia não tinha mais transporte escolar, muitas crianças buscavam as atividades apenas uma vez por mês e as devolutivas nunca tinham datas para serem entregues e corrigidas de fato. Na turma tinham 3 alunos especiais e nenhum deles recebeu o suporte de EE que era necessário para fazer as atividades propostas. Então afetou diretamente todas as crianças, pelo número de atividades que eram apenas duas propostas de atividades por semana. O ensino ficou fraco e os

professores não tinham o que fazer para reverter essas condições até a volta do ensino presencial.

P2 - “Muitos desafios se apresentaram tanto para mim quanto para as famílias, tivemos que de uma hora para outra “aprender” a mexer nas plataformas, ensinar a distância e planejar de forma criativa para chamar atenção dos poucos alunos que participavam das aulas”.

P5 - “Sim, primeiramente nos preparamos para apenas 15 dias de isolamento e depois voltaríamos para a escola, então planejamos esses dias para mandar as atividades para casa. Como eu era supervisora a adaptação foi bem difícil pois tinha 40 professores para dar suporte, logo pensamos em montar grupos de whatsapp das turmas, para contato a distância, então foram criados 50 grupos das turmas onde eu fazia parte.”

P6 - “Afetou muito o desenvolvimento escolar de todas as crianças da escola, principalmente na alfabetização.”

P7 - “A pandemia fez com as crianças desenvolvessem muita dificuldade de aprendizado durante e pós pandemia.”

3. Você já tinha experiência com ensino remoto anteriormente?

P1 - Somente na graduação com disciplinas no modo EAD. Tínhamos o conteúdo liberado semanalmente online e a cada período de tempo era feita uma avaliação online.

P2 - “Foi a primeira vez que tive que trabalhar de forma remota.”

P3 - “Não tinha experiência em ensino remoto, apesar de ter feito a pós graduação em EAD.”

P4 - “Não tinha trabalho de forma remota ainda e foi um desafio muito grande, até hoje tenho dificuldade, pois além das atividades impressas eu fazia chamadas de vídeo com meus alunos para sanar dúvidas.”

P5 - “O mais difícil foi a organização dos professores, porque pouca experiência eles tinham, fosse em algum curso de formação remota ou algo assim, mas, com os alunos não. Você deve chegar e se fazer claro nas atividades e propostas.”

P6 - “A experiência que tive, foi o acompanhamento dos filhos no ensino remoto.”

P7 - “Não, não tinha nenhuma experiência com o ensino remoto.”

4. Quais foram as adaptações necessárias para passar do ensino presencial para o remoto?

P1 - A adesão do classroom e do google meet para fazer as aulas online quando era possível. O curso para os professores aprenderem a usar esses dois aplicativos digitais. A redução da carga horária e dos conteúdos para serem trabalhados. Planejamentos online e presencial semanal. Outra grande dificuldade foi a adesão dos alunos ao ensino remoto, muitos não tinham acesso à internet.

P2 - “O uso das plataformas digitais, grupos de whatsapp, ensinar a distância e planejar de forma atrativa para que as crianças participassem das aulas.”

P4 - “Passar do ensino presencial para o ensino remoto foi um baque muito grande para mim como professora e para os alunos. No início da pandemia eu trabalhava em uma escola do interior com 1º e 2º ano turmas multisseriadas, as atividades passaram a serem entregues em casa para os pais que não

conseguiram buscar e depois quando passava um período buscamos averiguar como estavam avançando.

P5 - “Preparação dos professores e alunos para o uso das plataformas. De início criamos os grupos de Whatsapp, depois migramos para o google meet.”

P6 - “A dificuldade de passar para o remoto, foi fazer com que as crianças seguissem a rotina de estudos e realizassem as atividades.”

P7 - “Muito difícil, pois, tivemos que nos adaptar a programas de computador que antes eram desconhecidos.”

5. Como foi a reciprocidade dos alunos no início? E a assiduidade? Todos os alunos conseguiram aderir ao ensino à distância?

P1 - Não foi nada fácil fazer com que os alunos e as famílias entendessem que o ensino remoto era tão importante quanto o ensino presencial. Durante o ensino remoto ficou muito marcada a questão social e econômica das famílias dessas crianças, quem tinha condições acompanhava as aulas remotas ou tinha como ir até a escola buscar as atividades semanais. Mas, tinham famílias que não tinham nem internet ou aparelhos para comunicação em casa quanto ao menos carro ou outro meio de buscar as atividades na escola. No meu estágio da educação infantil, que ocorreu de forma remota, 4 alunos de 12 não tinham acesso à internet e nem condições de ir até a escola buscar o material, pois, a escola era rural e as casas dos alunos ficavam muito distantes da escola, eles dependiam muito do transporte escolar para ir até a escola, mas, esse parou de passar em função da pandemia COVID-19.

P2 - “Poucas crianças participavam das aulas online, o maior desafio dessa pandemia foi a frequência das crianças. A maioria buscava as atividades semanais na escola e mesmo assim, muitos não buscavam ou não mandavam as devolutivas”.

P3 - “Poucos alunos tiveram acesso, foi muita ajuda da família e dos que tinham acesso a internet e aparelhos eletrônicos.”

P4 - “Tiveram alunos que foram muito difíceis para dar a devolutiva, muitas vezes quando fomos às casas buscar o retorno eles ainda não tinham feito, então muitos alunos ficaram esse período sem ver conteúdo e sem ter conteúdo.”

P5 - “Não foi uma forma fácil, nem todos os alunos aderiram, tivemos problemas de crianças que não tinham internet para fazer as atividades e de crianças que tinham, mas, não queriam fazer as atividades, problemas para convencer os pais que aquela também era uma maneira de dar aula e que eles deviam pedir que as crianças resolvessem as atividades propostas. Para as crianças que não tinham acesso a internet por questões financeiras e sociais, passamos a imprimir as atividades para esses alunos.”

P6 - “Observei que grande parte da turma não participava das aulas por não ter alguém do lado para acompanhar e a falta de computador ou celular adequado para assistir as atividades.”

P7 - “Os alunos de início aceitaram, mas, com o passar do tempo começaram apresentar dificuldades de conexão e mais adiante começaram a apresentar desinteresse.”

6. Você alterou a forma de avaliar o desenvolvimento/aquisição de conteúdo, a forma de aplicar provas e trabalhos? O que foi diferente?

P1 - As avaliações passaram a ser acompanhadas pelo retorno das atividades, mas, como havia casos que famílias não buscavam as atividades toda semana e nem tinham datas previstas para buscá-las, tivemos que fazer um acompanhamento mensal, às vezes, levava até mais tempo. Com o tempo começaram a surgir dúvidas de quem realmente estava fazendo as atividades, se era a família ou se era a criança. Pois, às vezes as atividades vinham com letras dos responsáveis. Então avaliar ficou muito difícil, pois não tínhamos controle de quem fazia as atividades e nem prazos para recebê-las. Tanto que no final do ano letivo foi feita uma única avaliação com as turmas e independente do resultado, todos foram aprovados.

P2 - “As avaliações ocorreram pela participação das aulas no google meet e pelas atividades impressas entregues (mesmo sabendo que em muitos casos não era realmente o discente que as realizava)”.

P3 - “Sim, foi difícil fazer avaliação pois não sabia quem tinha feito as atividades (aluno ou pais)”.

P4 - “Avaliar um aluno se tornou uma parte muito difícil porque como iríamos avaliar sem saber se realmente foi o aluno que fez a atividade ou algum familiar, então foi difícil ter essa devolutiva para saber quem de fato fazia as atividades. Então avaliar precisou de um novo olhar quando o aluno retornou para a escola, pois, percebemos que muitos foram os pais que fizeram as atividades, principalmente nos anos iniciais.”

P5 - “Os Professores avaliavam as crianças conforme mandavam as atividades propostas, essas atividades podiam ser em forma de vídeo, descritas como foram feitas nos grupos de whatsapp, através de fotos ou chamadas de vídeo. No final do ano letivo foi feita apenas uma avaliação e todos os alunos foram aprovados, isso causou certo desconforto para os professores, pois, eles sabiam quais crianças de fato faziam as atividades e os que nunca faziam foram aprovados do mesmo jeito. Então isso ficou marcado durante a pandemia, independente do resultado satisfatório ou não todas as crianças foram aprovadas.”

P6 - “Acredito que houve alteração na forma de avaliar o aluno, porém com muita dificuldade. Pois muitas atividades apresentadas não eram realizadas pelo aluno e sim por algum familiar que já conhecia o conteúdo. Hoje, para avaliar um aluno pós pandemia, observa-se a evolução dele em sala, como participação dele nas perguntas e respostas sobre o conteúdo, os trabalhos realizados em sala e nos exercícios. A prova ou teste aplicado, é adaptado conforme o conhecimento da turma.”

P7 - “Com certeza, os alunos foram avaliados conforme a entrega das atividades remotas, mesmo as vezes sabendo que não eram eles que de fato faziam as atividades e sim os responsáveis.”

7. Quais são os maiores desafios que você percebeu neste sistema?

P1 - A falta de conhecimento dos professores em relação às tecnologias atuais, a falta de preparo das escolas para a adesão dos materiais necessários para desenvolver esse ensino remoto e a assiduidade dos alunos nas aulas.

P2 - “Desafio maior foi atender aos alunos que não participavam das aulas online.”

P3 - “A maior dificuldade foi aprender a postar aulas pela plataforma e usar o ‘meet’.”

P4 - “Um dos maiores desafios foi a desigualdade entre os alunos, pois, muitos não tinham acesso à internet e quando tinham essa era precária, outros ainda não tinham aparelhos eletrônicos para ter acesso aos conteúdos, assim muitos não conseguiam assistir as videoaulas e tirar suas dúvidas.”

P5 - “Fazer com que os alunos e famílias entendessem que o ensino remoto também era uma forma de aprendizagem, fazer com que as famílias cobrassem das crianças que elas fizessem e entregassem as atividades propostas.”

P6 - “O maior desafio hoje é recuperar a atenção do aluno nas atividades, alfabetizar os anos iniciais e finais, porque o que vejo hoje são alunos não alfabetizados (silábicos) que não conseguem formular uma frase sem a orientação do professor, não leem o que se pede, automaticamente não resolvem as questões propostas.”

P7 - “Avaliação, conteúdos e alunos.”

**8. Você gosta de continuar com as atividades online após o retorno às aulas presenciais (no caso dos alunos que não vem presencial)?
Porque?**

P1 - Acredito que as escolas estão usando o ensino remoto como uma nova estratégia para dar aula ou lançar as atividades para aqueles alunos que estão de atestado e que não podem participar de forma presencial.

P2 - “Na nossa escola a plataforma digital é usada apenas para alunos que possuem atestados muito longos. Para os que se ausentam por poucos dias com atestado, passamos as atividades impressas.”

P5 - “Acredito que será usado ainda, mas, não da mesma forma. Será apenas uma forma de comunicação para o aluno tirar dúvidas e pedir explicações do que não está entendendo sobre o conteúdo. Mas, como atividades online não, pois não foi uma forma satisfatória de aula.”

P6 - “Não pretendo usar as atividades online, devido a falta de equipamentos adequados para os alunos executarem ou assistirem às aulas. O uso das tecnologias serão usados para apresentação de conteúdos, conhecimentos e pesquisa, durante o período de aula.”

P7 - “Não, agora voltamos com o presencial e vamos manter assim.”

9. Como você acha que essa experiência coletiva vai impactar o futuro da educação no pós-pandemia?

P1 - Praticamente todo mundo mais de um ano em isolamento dentro de casa causou um impacto social muito grande, a falta de convivência com outras pessoas fez com que as crianças desaprendessem como agir com regras, como se comportar em sala de aula e na escola. Sem falar na aprendizagem em si, muita dificuldade para desenvolver trabalhos em grupo, muita falta de

conteúdo em si, já que na pandemia os conteúdos foram reduzidos. E do 1° ao 3° ano o maior problema, com certeza será a alfabetização. Pois, essa precisa de um acompanhamento mais intensivo. Aí fica a dúvida, será que as famílias conseguiram dar esse suporte como as professoras dariam no ensino presencial? Será que as crianças conseguiram aprender a ler e escrever de forma satisfatória durante o ensino remoto?

P4 - “Eu acredito que a experiência que tivemos com a pandemia e as atividades remotas impactaram muito na nossa educação, percebo alunos que tiveram um déficit muito grande de aprendizagem e vejo os alunos muito perdidos ainda, sem entender onde estão e acredito que vamos levar muito tempo para recuperarmos essas crianças.”

P6 - “Essa experiência de educação a distância remota, mesmo que somem os esforços que os professores fizeram, levará bom tempo para que todos cresçam em conhecimentos e desenvolvam suas habilidades. Agora é o momento de buscar novas fórmulas e tecnologias para dar suporte para que os professores e alunos desenvolvam suas capacidades. A ideia que fica para pais e alunos é que não há necessidade de reforço, pois, ninguém roda na pandemia, isso contribuiu para o acomodamento dos estudantes e dos pais.”

P7 - “Acredito que muitos estudantes tiveram muita dificuldade nas aulas de ensino remoto sem interação e sem avaliação vindos para o ensino presencial apresentaram medo e insegurança.”

10. Como foi a reação das crianças com a volta do ensino presencial e quais foram as medidas adotadas para esse retorno?

P1 - Não foi uma tarefa fácil para as crianças voltarem para a escola depois de tanto tempo em casa. Crianças do primeiro ao terceiro ano nem sabiam como funcionava esse convívio escolar, pelo tanto de tempo que ficaram em casa. Tiveram que ser “ensinados” princípios simples, como por exemplo portar-se em sala de aula, se manter sentado na cadeira, falar na sua vez, fazer fila.. Princípios comuns da vivência na escola. Isso sem falar dos métodos adotados em função da COVID-19: todas as crianças de máscara na sala de aula, álcool em gel nas mãos na entrada da sala, distanciamento de 1,5 metros.

P2 - “Foram adotadas as normas de segurança contra o COVID-19, distanciamento dentro da sala, álcool gel nas mãos na entrada da sala, uso de máscaras obrigatório dentro da sala de aula.”

P4 - “Até hoje temos um grande índice de infrequência escolar, crianças que vêm a aula quando querem, as famílias colocam muitos empecilhos para mandar as crianças e quando isso acontece percebemos que essas crianças vão ficando ainda mais distantes da aprendizagem. Quando o aluno está começando a entender o conteúdo falta dois, três dias ou mais e se perde novamente.

P6 - “As medidas adotadas para o retorno, seguiram os protocolos de saúde, mas, que é insuficiente para controlar os alunos. Eles estavam sem rotina, sem contato com os colegas, eles não controlam corretamente as regras que devem seguir.”

P7 - “Muito felizes, mesmo apresentando um certo medo de contraírem a doença, ainda hoje mesmo sem a obrigatoriedade ainda existem crianças e professores que continuam com o uso de máscaras.”

11. Quais foram as consequências da pandemia para o ensino das crianças em tempos de pandemia?

P1 - Alto índice de crianças sem serem alfabetizadas, crianças com medo do convívio social, crianças que sofreram perdas durante a pandemia, crianças com alto índice de dificuldade de aprendizagem, crianças com defasagens e sem diagnósticos.

P2 - “A volta às aulas presenciais foi muito empolgante para todos, mas, ficaram bem evidentes as dificuldades acumuladas nesse período, principalmente regras de convivência, leitura, escrita, e raciocínio lógico matemático.”

P3 - “As maiores consequências do pós pandemia foi a falta de aprendizagem dos conteúdos básicos, o reaprendizado das normas escolares.”

P4 - “As consequências foram enormes, percebo que do 1° ao 5° ano que os alunos precisam ter um trabalho de recuperação para aprenderem a ler e escrever, pois o índice de crianças que não estão alfabetizadas até o 5° ano aumentou muito.”

P5 - “A educação já não estava muito bem, na pandemia só se destacou a dificuldade de aprendizado da compreensão da leitura e escrita, dos cálculos matemáticos. Acho que agora fica claro o quanto a equipe diretiva e os gestores de educação têm consigo o diagnóstico da realidade de cada aluno e saber onde precisam chegar para alcançar tais resultados. A questão da rotina escolar está sendo um grande desafio, as crianças estavam acomodadas em casa e assim queriam seguir na escola, então a questão de normas de convivência tiveram que ser retomadas nas escolas”.

P6 - “As consequências são reais: crianças com grau de ansiedade, estresse, apresentam muita dificuldade na coordenação motora e fina, vários déficits de atenção, por exemplo, muito agitados. Alunos de 4° e 5° ano que não leem palavras com duas sílabas e nem formulam frases. Não realizam cálculos matemáticos sem o acompanhamento do professor. É preciso retomar as atividades de alfabetização, pois se o aluno não lê, não consegue interpretar o que se pede, assim não alcança os objetivos propostos em sala de aula.”

P7 - “Os alunos ainda vão demorar muitos anos para se adaptar aos conteúdos perdidos e que devem voltar às atividades para poder aprender as atividades do momento em que estão.”

12. Quais medidas foram/serão adotadas para compensar esse tempo em que as crianças ficaram afastadas da escola e tiveram dificuldades na aprendizagem?

P1 - Na escola onde executei meu estágio dos anos iniciais em 2022, Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Alberto Pasqualini, foram adotadas as seguintes medidas: Do 1° ao 5° ano foi contratada uma estagiária com o intuito de alfabetizar as crianças de cada turma que ainda não estavam

alfabetizadas. Por exemplo, na minha turma de 3º ano a estagiária os tirava da sala durante um período de 50 minutos uma vez na semana durante o horário de aula para levá-los para outra sala e dar a eles um planejamento especial, com conteúdos de alfabetização.

P2 - “Estamos empenhados em amenizar as dificuldades na alfabetização da melhor forma possível para preencher as lacunas deixadas no período da pandemia.”

P3 - “Retomar o conteúdo do início, pedir auxílio dos pais.”

P4 - “Ainda não sabemos que políticas públicas serão tomadas com ênfases nesse problema de alfabetização, são criados vários programas, mas esses não estão atingindo as nossas crianças onde mais precisam que é nessa área. Eu penso que uma das melhores maneiras de recuperar nossos alunos seria uma recuperação paralela no turno inverso para colhermos resultados, mas, com o apoio familiar.”

P5 - “Crianças com defasagens de aprendizagem em função da pandemia devem ser recuperadas de forma completa, ver o problema, aceitar o problema. Acredito que aulas de reforço deveriam ser propostas nas escolas, e nesse reforço buscar atingir todo esse conhecimento que faltou para essas crianças, desde o letramento O processo será lento, pois é muito tempo para recuperar. Os professores devem ter conhecimento do que cada aluno necessita e esses alunos precisam tirar dúvidas e de fato aprender os conteúdos.”

P6 - “Eu acredito que deve ser um trabalho em equipes das escolas, observando a realidade de cada um, identificando as dificuldades mais expressivas e traçar metas e métodos de ensino para ajudar a resolver as situações. As aulas devem ser bem preparadas para que o aluno se interesse em aprender, muitas dinâmicas, muita ludicidade, reforço escolar para a alfabetização em turno inverso, preparação dos professores com cursos e formação continuadas e o apoio de toda a equipe das secretarias de educação em estudos e materiais didáticos. Os professores precisam de suportes para que possam atender a demanda da educação pós pandemia.”

P7 - “Projetos de aprendizagem em turno inverso e atividades extras.”